

que, em *Angústia*, de novo se repetem as velhas caricaturas contra o português emigrante. Não haveria, contudo, no romance de Graciliano Ramos, um ponto de vista em que os personagens, de uma maneira geral, são apresentados através de uma ótica crítica, cruelmente mordaz, que, em suma, pouco ou nada acrescentaria ao Capítulo do, infelizmente, atualíssimo ressentimento entre Brasil e Portugal (cf. p. 215)?

Para concluir, um ponto a repensar da argumentação de Nelson Vieira - porque, na verdade, ele não o aplica no livro - pode estar na página 221:

*É importante assinalar que não vamos frisar os méritos formais e literários das obras destes escritos. Interessa-nos mais a temática, no que disser respeito ao tratamento e à apresentação de figuras e costumes portugueses.*

Questiono esta declaração, pois ela confunde a perspectiva segura com que o A. aborda o tema proposto no livro, ou seja, a análise da *imagem recíproca entre Brasil e Portugal*, dentro de rígidos padrões literários em diálogo com o histórico.

No fundo, as questões que levanto confirmam a certeza de ser a vocação para o diálogo traço admirável no perfil intelectual de Nelson Vieira.

Jorge Fernandes da Silveira

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Uma luz com toldo vermelho*. Lisboa: Editorial Presença, 1990, 101p.

Muitas vezes não são pródigas as palavras a respeito de um poeta que se admira. (O leitor atento de Joaquim Manuel Magalhães terá percebido a alusão intencional à nota introdutória de *Um pouco da morte*, 1989, em que este poeta crítico percorre a poesia portuguesa desde 1910 - de Antonio Patrício e Antonio Botto - até a contemporaneidade dos anos 80 - João Miguel Fernandes Jorge, Antonio Franco Alexandre, Paulo Teixeira e outros. Em continuidade, aliás, ao percurso realizado pelos ensaios de *Os dois crepúsculos*, de 1981. Por ora, como proposta síntese desse imenso projeto crítico, assinalem-se suas reiteradas considerações a respeito da poesia como o espaço mais alto da produção estética em Portugal nos dias que correm.) Diante de autores que dão prazer ler - dizia - vez por outra certa frieza toma conta do que se denomina cérebro, adiando a breve apresentação que um dia se impõe.

É sempre um risco falar a respeito do autor de versos como estes de *Vestígios* (1977):

*Trabalharão com as  
palavras que lhes deixas.  
Perguntarão pelos sentidos.*

*Ninguém mais escutará a  
tua voz como tu a ouviste.  
Assim errando falarão em ti.*

Joaquim M. Magalhães (*Conseqüência do Lugar* é de 1974) está ligado à geração poética surgida em Portugal nos anos 70 e aos jovens que em 1976 lançam *Cartucho* - João Miguel Fernandes Jorge, Helder Moura Pereira e Antonio Franco Alexandre. Essa publicação coletiva assinala um aspecto básico para a compreensão de seu texto, um texto muitas vezes oriundo dessa contingência comunitária, em companhia de outros, a partir da leitura de outros textos. A poesia de *Cartucho* (poemas amassados, à semelhança de bombons) mostra-se particularmente voltada para a reabilitação da subjetividade e a expressão do desejo. De acordo com formulação do próprio Joaquim M. Magalhães, a geração dos anos 70 assume "um discurso cuja tensão é menos verbal do que explicitamente emocional" (*Os dois crepúsculos*. Lisboa: A regra do jogo, 1981, p.258). No bojo das discussões sobre o curto circuito entre realidade e poesia, cotidiano e mito, etc... a idéia da arte como representação assume especial interesse. A arte recria um mundo que, situado no mundo, transita para outro mundo diante do mundo que são os poemas. Aqui chegados, vale lembrar o conceito de poesia que o título também é: uma luz com tordo vermelho.

O texto de Joaquim M. Magalhães subentende a

marca cética da linguagem; ainda quando emerge de sentidos localizáveis, recusa quaisquer certezas e paraisos e sobrevive, sempre, no limiar da dúvida:

*Não és real, eu não existo.  
Raízes desertas do auriga.  
(p.14)*

*Estar sozinho é o preço  
duma vida? Um horizonte  
de mágoa nas estrelas.  
(p.21)*

Construída nas bordas (e nas dobras) da realidade encarada como representação, essa poesia transfere para a descrição do cenário, da natureza a respiração vertiginosa (*o tordo vermelho* na luz). O estigma da narratividade desses anos - "o regresso às histórias simples", da Al Berto - acompanha (em "*Os poços*") essa viagem ao que existe no fundo do poço noturno da paisagem urbana:

*(...) Uma vez,  
sai da cidade para a aldeia  
costeira.  
Cantavam. Perguntou  
o que era o jantar, apanhou  
canas,  
com um golpe de rins soltou  
um ramo  
da macieira. A lua recebe a  
luz  
do seu corpo deitado. (p.31)*

*Encontro-te depois de  
procurar-te  
nas ruas onde é costume  
encontrar. (p.37)*

Uma luz com toldo vermelho prossegue a busca paradigmática do desejo homoerótico iniciado em livros anteriores de poesia: "Escrever sobre o esterco das repressões" (p.50). Percebe-se agora uma especial atenção à descrição rigorosa dos elementos do mundo exterior, em sintonia com o mundo interior. O cenário físico (o cuidado em indicar nomes de plantas e aves), com suas conotações específicas de luminosidade e disponibilidade, configura um recorte luminoso da experiência, estabelecendo uma irradiação química entre a natureza e o sujeito nela inserto:

*Os melros entoam um canto  
de companhia  
fugitivo, metálico sobre nós  
os dois.*

*(...) Medronheiros,  
silvados, urtigais, a urze  
nas pedras albilucentes  
(p.48)*

*os dedos mulatos, a maré  
crespa  
do cabelo. O instantâneo  
desejo  
de amar e ser amado.  
Nas dunas o cheiro da  
carcuma. (p.17)*

O poeta cria uma realidade passível de ser representada, dela lhe chegam vestígios indecisos que apontam para uma das tarefas da poesia - transfigurar o real ou transformá-lo em antídoto:

*Detesto a poesia. Essa  
tarefa  
debruada de troca social.  
(p.53)*

Detestar a poesia por sabê-la espaço de transferência das utopias? A única provável permanência? O terreno minado onde pulsam as ilusões de representação? Uma forma de diálogo impossível uma vez que sempre escapa alguma coisa na depuração da linguagem: do apenas um com todos os outros?

Edgard Pereira

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Hábito da terra*. Luanda: União de Escritores Angolanos, 1988.

Entre a opacidade de um tempo que impõe perplexidades e a forte luminosidade de um solo poético, transita o atento olhar de Ruy Duarte de Carvalho em *Hábito da terra*, o seu sétimo livro de poemas, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Literatura de 1989 em Luanda.

Ao definir, já no primeiro segmento desta sua obra, o texto como *lugar do encontro*, o autor indica-nos a sua opção por uma poesia que, afastando-se da gratuidade de tantos sinais, aposta na comunhão e faz do seu um trabalho que tem a vida como referência. O claro dessa concepção de poesia, já inscrito em "Arte poética" - espaço voltado à reflexão